

"UMA VISITA"

("Der Abstecher" — 1961)

MARTIN WALSER



Personagens: Hubert, diretor
Berthold, motorista
Erich, maquinista
Frieda, mulher de Erich

Tradução do original alemão por GEORGE BERNARD SPERBER
Baseada na edição "suhrkamp taschenbuch 6", Copyright Suhrkamp
Verlag Frankfurt am Main 1971

RS

PRIMEIRO QUADRO

Em primeiro plano, uma vista que lembra a cidade de Ulm, à noite. Hubert e Berthold podem andar ao redor desta vista uma ou duas vezes, durante o prólogo. Berthold carrega a pasta, o casaco e o guarda-chuva.

HUBERT — Olha, Berthold, os habitantes da cidade de Ulm dormem.

BERTHOLD — São quase dez e meia, senhor Diretor.

HUBERT — Ou estão acordados na cama.

BERTHOLD — Quanto a isso, senhor Diretor, não me permito opinar.

HUBERT — Ulm não é Hamburgo, Berthold.

BERTHOLD — (cala).

HUBERT — Agora preste atenção, Berthold. E se não estiver de acordo, diga-o. Confesse. Quem não abre o bico e não diz o que pensa, não age com franqueza, Berthold. E eu não gosto disso. Está claro?

BERTHOLD — Sim, senhor Diretor.

HUBERT — Eu digo que Ulm não é Hamburgo. E você não diz nada a isso. Fica simplesmente calado, embora a gente esteja conversando. Acha que isso está certo, Berthold?

BERTHOLD — Estou de acordo com o senhor, senhor Diretor.

HUBERT — Então diga, criatura. Há coisa mais bela do que estar de acordo, Berthold? Pode imaginar algo mais belo?

BERTHOLD — No momento não, senhor Diretor.

HUBERT — Imagine só se todos os homens estivessem de acordo! O que você acharia disso?

BERTHOLD — Será difícil, senhor Diretor; cada um tem a sua opinião.

HUBERT — Se você vê tudo no plano político, a gente não vai prá frente. Do ponto de vista humano, Berthold, não seria bonito todos terem a mesma opinião!

(Pausa curta).

Você não diz nada?

BERTHOLD — Eu tenho a mesma opinião, senhor Diretor.

HUBERT — Agora, que eu insisto, agora você o admite. Mas quando eu constatei que Ulm não é Hamburgo, como foi que você reagiu? Nem reagiu. Nenhuma palavra de aprovação. Só ficou olhando assim, duvidando. É isso que eu levo a mal. Por que não fala, porque não se abre, Berthold! De homem para homem. Eu admito também as discordâncias, Berthold. Não faz tanto tempo que você está comigo, por isso é que lhe digo isto. Primeiro as discordâncias e depois a unidade, isto seria uma boa base; assim a gente poderia se entender. Você me entende, Berthold?

BERTHOLD — Sim, senhor Diretor.

HUBERT — Então você admite que quanto à franqueza, estamos longe da perfeição.

BERTHOLD — Até agora não escondi nada, senhor Diretor.

HUBERT — Mas Berthold! Primeiro: Acabei de demonstrar-lhe que você não disse o que pensava quando constatei que Ulm não é Hamburgo. Segundo: Nós estamos na estrada. Eu digo: Berthold, vamos dar uma passada por Ulm. Você obedece e entra pelo desvio, mas não diz nada. E há pouco eu disse: bem,



agora a gente deixa o carro, eu faço o último trecho, até a casa dos meus amigos, a pé.

BERTHOLD — Eu disse: eu carrego as suas coisas.

HUBERT — Isso você disse. Mas não vai querer que eu acredite que isso foi tudo o que pensou. Você teria preferido continuar a viagem diretamente até Munique.

BERTHOLD — Em todo caso porque lá nós já temos onde ficar.

HUBERT — Você pensou mais coisas, admita isso.

BERTHOLD — Talvez eu não lembre o que penso. Se há uma coisa dessas, então é o meu caso. Penso uma coisa e depois penso outra e não penso mais naquilo que pensei antes. Na escola era assim mesmo. Eu olho para o professor, que diz de repente: o que você estava pensando, Berthold? E na hora em que ele pergunta, eu apenas ouço a pergunta e esqueço o que estava pensando. E ele diz então que eu estou ocultando alguma coisa e me deixa de castigo.

HUBERT — Com razão, Berthold. Você tem algo de malicioso. Talvez não o faça de propósito, mas parece desse jeito. A gente precisa ajudá-lo nisso. Você precisa lembrar o que pensa, e quando eu perguntar, precisa dizê-lo. Dessa forma a coisa se conscientiza e você adquire maior domínio sobre si mesmo. Você só tem a ganhar.

BERTHOLD — Eu entendo isso, senhor Diretor. Não seja por mim. Eu lhe direi tudo.

HUBERT — Então, como eu dizia: deixamos o carro por aqui, porque quero fazer o resto do caminho a pé...

BERTHOLD — Desculpe, isso eu sei. Eu disse: eu carrego as suas coisas, e o senhor disse que não queria que eu carregasse nada.

HUBERT — Certo, mas o que foi que você ficou pensando enquanto isso?

BERTHOLD — Não é possível que eu deixe que o senhor Diretor carregue as coisas, pensei. A pasta é pesada, pensei.

HUBERT — Mas por que a pasta é pesada?

BERTHOLD — Isso não é da minha conta, senhor Diretor.

HUBERT — Mas você pode refletir sobre isso.

BERTHOLD — Preciso?

HUBERT — Você pode presumir alguma coisa. Ninguém pode proibir isso. É o seu direito, Berthold. Você pode pensar, por exemplo, ele tem algum líquido na pasta.

BERTHOLD — Não foi isso que eu pensei, senhor Diretor.

HUBERT — Pois é, ainda não confio plenamente em você. E até que você teria razão,

se presumisse que há bebidas na pasta. Estou trazendo algo para os meus amigos. Quantas garrafas você calcula?

BERTHOLD — Quatro, cinco.

HUBERT — Ah, quer dizer que você pensou no caso?

BERTHOLD — Só agora, que o senhor me perguntou diretamente.

HUBERT — Você é esperto, isso eu percebo. Por favor, você pode pensar o que quiser. Mas é apenas pelo seu bem que eu digo: Você vai prá frente, você muda totalmente de personalidade se não esquecer imediatamente o que pensa, e para isso seria bom você ir dizendo logo tudo, assim tudo fica mais consciente. Eu o ajudo nisso com prazer.

BERTHOLD — Eu sempre desejei ter uma personalidade, senhor Diretor.

HUBERT — Está vendo? Muito bem, Berthold, e seu lhe disser agora: lá do outro lado da rua, naquela casa com sacada, moram os meus amigos, então você me dá as minhas coisas?

BERTHOLD — Diante da porta da casa, senhor Diretor.

HUBERT — Então, quer dizer que eu não posso atravessar a rua sozinho?

BERTHOLD — Pode sim, senhor Diretor. E quando o senhor estiver do outro lado, eu vou atrás com as coisas.

HUBERT — Há quanto tempo você está comigo, Berthold?

BERTHOLD — Quase sete meses.

HUBERT — Então já era tempo de ser mais negligente.

BERTHOLD — Vou me empenhar.

HUBERT — Precisa incomodar-se menos. Onde é que você estava mesmo, antes de começar a trabalhar comigo?

BERTHOLD — Na polícia, senhor Diretor.

HUBERT — Ah, é. E daí você tem isso. Bem, e agora dê-me o meu casaco, a pasta e o guarda-chuva.

BERTHOLD — Mas apenas porque o senhor insiste. Claro que agora estou pensando que...

HUBERT — Sim, o que é que está pensando?

BERTHOLD — Eu penso: ele bem que poderia ter-me deixado carregar as coisas até o outro lado da rua.

HUBERT — É uma coisa que o honra, Berthold. Mas é melhor que você vá agora até o carro. Se os meus amigos tiverem viajado, eu volto em dez minutos. Então vamos fazer o que você quer, e a gente vai até Munique. Se em dez minutos eu não tiver voltado, passo a noite com os meus amigos e você procura um quarto.



BERTHOLD — Esses dez minutos eu posso esperar aqui. Se a coisa não der certo com os seus amigos, eu carrego as coisas de volta.

HUBERT — Mas eu não quero que você fique esperando dez minutos na rua. Você não está mais na polícia. (põe a pasta no chão) Olhe aqui... aqui, pegue isto. (Dá uma nota a Berthold) Passe uma noite agradável. Amanhã de manhã não quero ver mais nada disso. Entendido?

BERTHOLD — Como empregado, senhor Diretor, eu não digo que não.

HUBERT — Como, como empregado?

BERTHOLD — Como homem eu até diria que não.

HUBERT — Você é muito teimoso (Berthold levanta a pasta). — E agora faça o favor de deixar a pasta no seu lugar.

BERTHOLD — O senhor me deu de presente vinte marcos, senhor Diretor. Agora eu estou em dívida com o senhor.

HUBERT — Fique aqui. Ponha a pasta aí. Você é realmente teimoso. Agora preste atenção: você vai até o carro, espera dez minutos, nem um minuto a mais, entendido?

BERTHOLD — Entendido, senhor Diretor.

HUBERT — Eu te ofendi, Berthold?

BERTHOLD — Isso não, senhor Diretor.

HUBERT — Mas então?

BERTHOLD — Nada, Senhor Diretor.

HUBERT — Amanhã falaremos sobre isso. E agora, como é que a gente faz? Você me deixa confuso. Você espera no carro. Dez minutos.

BERTHOLD — Certo.

HUBERT — Depois você dá o fora.

BERTHOLD — E procuro um quarto para mim.

HUBERT — A vontade, isso é coisa sua, Berthold. Espero que você não seja bobo a ponto de ir direto para a cama. Um momentinho... pegue... pegue mais vinte. Com isso você pode fazer muita coisa em Ulm.

BERTHOLD — Obrigado, muito obrigado, senhor Diretor.

HUBERT — Vire a cidade de cabeça prá baixo, homem!

BERTHOLD — Na verdade eu preferiria me deitar...

HUBERT — Mas você tem uma noite inteira pela frente, criatura

BERTHOLD — Em Ulm, senhor Diretor.

HUBERT — Certo, em Ulm, seu malandro. Eu até preferia ir junto. Em vinte minutos você não saberia mais onde tem o nariz. Meu Deus do céu, qual é a sua idade?

BERTHOLD — Vinte e três anos, senhor Diretor.

HUBERT — Vinte e três anos e não tem vergonha! Um homem livre, não lhe custa um tostão, faz uma cara dessas e quer ir pra cama. Eu não entendo mais nada. E eu, só porque estou no caminho e porque não me posso permitir mais nada, vou visitar velhos amigos. E vamos acabar conversando sobre o tempo em que a gente ainda era tão jovem quanto você. No seu caso não vai haver conversa nenhuma. Você tem tudo pela frente. Você nem pode imaginar o que o espera hoje à noite. Na minha idade não se pode esperar nada, não há mais nada pela frente. Tudo já passou.

BERTHOLD — Nós também podemos continuar a viagem, senhor Diretor. Eu não tenho grande interesse em Ulm.

HUBERT — Você não conhece Ulm. A gente percebe isso em cada uma das suas palavras. Amanhã de manhã vai falar de outro jeito. Então, boa noite, Berthold.

BERTHOLD — E onde encontro o senhor amanhã de manhã?

HUBERT — Ah, é mesmo. Onde a gente se encontra? Aqui mesmo. As sete em ponto. Assim a gente está às nove em Munique.

BERTHOLD — As oito e meia.

HUBERT — Está certo. Então, estamos de acordo, agora?

BERTHOLD — Sim senhor diretor.

HUBERT — Sim, senhor Diretor, certo, senhor Diretor! Berthold, você é obstinado. Tire as mãos da pasta! Eu preferiria uma outra cara. Eu gostaria de ver na sua cara uma certa alegria, então eu ficaria satisfeito. Olhe para mim, eu vou requeimar comida de ontem, mas você, você vai mergulhar na turbulência da vida! Quem olhasse para nós poderia pensar que é ao contrário.

BERTHOLD — Eu não planejo nada. Talvez acabe as palavras cruzadas, mas não há mais do que isso pela frente.

HUBERT — E eu diria: pegue o carro, e vá em frente! Não olhe o marcador de quilômetros amanhã cedo! É verão, Berthold, verão! Uma noite de verão! Eu espero que chova, assim pelo menos eu sei porque fico encerrado num quarto, em pleno verão.

BERTHOLD — Eu entendo o que o senhor quer dizer, mas a coisa não é tão simples assim, também. Sobretudo quando a gente está sem vontade.

HUBERT — Diante de mim você não precisa fingir. Eu sou um homem com o qual se pode falar. De homem para homem, sobretudo de homem para homem. Nós estamos aqui e o pessoal de Ulm dorme. Em Hamburgo a gente também estaria na cama. Essa é a van-

tagem da gente estar em Ulm. Estamos viajando, Berthold. Até que a gente deveria cantar. Eu sei que não dá. Mas pelo menos a gente poderia ser sincero, já que a gente não pode cantar, Berthold. É claro que eu não posso obrigá-lo. Estou querendo o seu bem. Chega, e agora dê o fora. Dez minutos no carro e depois você pode atirar-se no rio, por mim. Boa noite.

BERTHOLD — Boa noite, senhor Diretor.
HUBERT — Pronto, suma-se. Eu fico aqui até você desaparecer. Também eu posso ser teimoso.

BERTHOLD — Certo, então, boa noite, senhor Diretor.

(Berthold vai. Hubert olha para ele, depois caminha rápida — mas cuidadosamente, numa direção totalmente diferente).

SEGUNDO QUADRO

Apartamento do maquinista Erich. Frieda, a esposa de Erich, acompanha a visita à sala de estar.

FRIEDA — Há alguma coisa em mim que corre atrás da tua pasta, do casaco e do guarda-chuva e quer fazer uma pirueta. Eu sinto neste instante que há dentro de mim uma analfabeta. Uma bêsta quadrada. Uma frustrada. Uma que não quer aprender mais nada. Se eu não a estrangular logo, ela é capaz de pular no seu colo. Mas eu também estou aqui. E a bêsta quadrada vai ter que se guiar por mim. Porque eu não me frustrei. Eu fui à tua escola Hubert, passei por todos os exames. Eu não pego as tuas coisas. Nem digo que fique a vontade. Não ofereço nada a um sonho que chega inesperadamente no meio do mês de junho porque pensa que ela com certeza está em casa. E se não estiver, não é desgraça nenhuma. O senhor nem pensa em avisar. Eu poderia estar trabalhando. Ou meu marido poderia estar aqui. Dá na mesma, não é? Para você, dá na mesma! Ficamos assim, então. Eu não estou em casa, não abri a porta.

HUBERT — Aí, Frieda, estou sendo mal compreendido e, por isso, tratado indevidamente. Que dia seria hoje, querida?

FRIEDA — Não leio mais jornal, porque a data não me interessa.

HUBERT — Mas o dia da semana, Frieda?

FRIEDA — Tanto faz. Para mim interessa apenas um dia.

HUBERT — Espero que seja o mesmo que interessa a mim.

FRIEDA — O do Juízo Final.

HUBERT — Esse será sem dúvida um dia interessante, mas é bom você pegar uma cadeira, se não quiser ficar cansada esperando por ele. Fique no que está mais próximo e me diga o dia da semana.

FRIEDA — Você acha que para mim faz diferença que seja quinta ou sexta-feira! É claro, a analfabeta chorava às segundas, consolava-se às terças e fazia bons olhos às quartas-feiras. E jogava um pano preto sobre o

resto. Agora é bom que os dias se arranjem sem mim.

HUBERT — Em todo caso, você não esqueceu o nosso dia. Você apenas esqueceu que hoje é nosso dia: às quartas-feiras Frieda não atende. Às quartas ela está em casa. Eu guardei as quartas-feiras, era o meu dia de jejuar, Frieda: "Às quartas-feiras ninguém pode suportar o chefe". Pergunte aos meus funcionários. "As quartas ele é chato", é o que se diz na firma. Às quartas eu paro e penso: hoje ela não atende.

FRIEDA — Isso poderia ter mudado nesses quatro anos.

HUBERT — Eu teria sentido isso, Frieda.

FRIEDA — Antes eu bem que teria acreditado numa coisa dessas, Hubert.

HUBERT — Faz favor, eu também poderia dizer: não é assim sem mais nem menos que um botequim muda o seu dia de descanso, portanto Frieda está em casa.

FRIEDA — E o marido da Frieda também, talvez!

HUBERT — Bem, isso eu teria sentido com certeza.

FRIEDA — E se eu te dissesse que ele está aqui, lá dentro, e está dormindo!

HUBERT — (após curta surpresa) Isso seria lamentável. Eu teria que pedir encarecidamente que não nos atrapalhasse.

FRIEDA — Você não mudou nem um pouco.

HUBERT — Você pode chamar isso tranquilamente de fidelidade.

FRIEDA — A mesma rotina.

HUBERT — O mesmo sentimento, querida. E se você trazer dois copos para a gente, você vai perceber que também para outras coisas a minha memória não é ruim. (desembrulha uma garrafa de champanha). Você ainda conhece a marca? Pois é, é de pascar. Quatro anos! Você nem imagina como é a luta lá fora. Como é que tratam a gente. Você tem que ter a astúcia de uma raposa, senão está liquidado. O empresário não tem que lidar

apenas com a concorrência, mas também com os seus empregados. Porque você trouxe só um copo, Frieda?

FRIEDA — Não tenho sede.

HUBERT — Não é possível.

FRIEDA — Raramente bebo. E uma coisa dessas nunca mais.

HUBERT — É assim que você é! Eu venho até aqui, para mim tudo é como antes, a gente bem que poderia falar de fidelidade. Mas você não tem nem um pouquinho de sede. Eu não a obrigo. Aprendi a beber sozinho. A sua saúde, Frieda.

FRIEDA — É melhor você beber à sua.

HUBERT — Bem que eu preciso.

(Bebe).

Quer saber de uma coisa, eu não acredito que você não queira beber. Não acredito e basta.

FRIEDA — Você não entende.

HUBERT — Entendo tão pouco como eu entenderia, se agora não tivesse sede.

FRIEDA — Mas você tem sede.

HUBERT — Como sempre.

FRIEDA — Eu te invejo.

HUBERT — Você também não mudou, você só faz de conta. Por que foi que a gente se descobriu, Frieda? Centenas de milhares de pessoas passam umas ao lado das outras sem se encontrar. E com razão. Nós nos reconhecemos imediatamente. É uma questão de pele. Não dá para mudar isso.

FRIEDA — Eu me casei logo depois.

HUBERT — Infelizmente, infelizmente você casou. Foi uma notícia ruim para mim, então. Eu sei, o meu telegrama. E o cheque. Você deve ter pensado, isso não é correto da parte dele, mas será que você devia se casar assim depressa? Eu não censuro você. Se fosse por mim, nós dois não brigávamos. Você casou. Chega. Pode ser que eu tivesse conseguido o divórcio. Pode ser que não. Mas eu estava bem embalado, então. Pois é, e depois a notícia. Deixa prá lá. O teu temperamento. A situação. O telegrama, meu Deus, há momentos que você não pode escrever nem uma carta, eu queria vir, até o fim, então só ficou o telegrama. E os telegramas são frios. O cheque tinha boa intenção. Mas deixa prá lá. Talvez o teu marido seja realmente digno de você. É possível.

FRIEDA — O único realmente digno teria sido naturalmente você.

HUBERT — Bom, eu acho que não teria sido o mais indigno. Não é mérito meu. É que nós nos entendemos, nós dois. Não teria sentido negar isso. É a natureza. Tivemos sorte de nos encontrar. Veja só, no meio de tanta gente. E é aí que a gente se encontra. O fato

que você tenha casado logo em seguida. Frieda, isso eu não reprovoo mais, hoje. Um ser humano não muda só porque se inscreve numa outra lista.

FRIEDA — Você não.

HUBERT — Você também não.

FRIEDA — Eu até que sim.

HUBERT — Por favor, não me ofenda. Afinal de contas, você não tinha nada contra o fato de eu estar casado.

FRIEDA — Mas teria contra o fato de eu estar casada.

HUBERT — Você mede com duas medidas.

FRIEDA — Pode ser.

HUBERT — Se eu não fôsse o mais sensato, a gente estaria agora na melhor das brigas. Mas eu desisto. Saúde, Frieda! Aqueles tempos! Ao dia de hoje. (bebe).

HUBERT — Se é que a gente pode perguntar, onde é que está o teu marido, de verdade?

FRIEDA — Você sabe onde é que as pessoas vão depois da morte?

HUBERT — Você não está querendo dizer que ele morreu.

FRIEDA — Pelo menos viver, ele não vive mais.

HUBERT — Mas Frieda, isso você devia me ter dito logo. Você me deixa falar. Como isso deve parecer-lhe impiedoso agora. Agora entendo por que você não tem sede. É claro que eu vou embora logo. Você realmente devia, já na porta você devia ter me dito isso. O meu motorista está me esperando. Eu estava somente de passagem, quer dizer, eu não poderia ter ficado por muito tempo, já que eu pensava que o teu marido... eu realmente sinto muito. Sinceramente, Frieda. Que azar. É pena que eu nunca o tenha conhecido. Talvez eu volte a passar depois. O que você pretende fazer? O melhor é eu ir diretamente ao café. Está bom para você? Frieda, fale alguma coisa. Você deve concordar que eu não tenho toda a culpa desta situação tão... desagradável. Você me deixa falar e falar. Eu realmente não poderia saber.

FRIEDA — Você sente tantas coisas em outras ocasiões?

HUBERT — Mas não isso, Frieda. Ainda se você estivesse de preto, aí então eu teria perguntado. Mas assim. Pois é, então é melhor eu ir andando.

FRIEDA — (cala).

HUBERT — Então Frieda.

FRIEDA — (cala).

HUBERT — Eu preciso pedir desculpas. Eu devia ter sentido logo. Sabe, estou cansa-



do demais. Partimos muito cedo. E ainda por cima todos estes últimos dias. Todos estes anos. Foi demais. Eu também quase morri. A gente simplesmente exagera. E o que é que a gente ganha com isso? O que é que houve com ele? Coração?

FRIEDA — Erich tinha o coração de um urso.

HUBERT — Provavelmente câncer. Câncer nos pulmões. É isso que a gente ouve sempre. Também, com a fuligem das estações. Só porque o pessoal não progride com a eletrificação. Ou foi câncer nos brônquios? Isso dá uns ataques de tosse terríveis, ouvi dizer.

FRIEDA — Ele nunca tossiu.

HUBERT — Espero que não tenha sido um acidente!

FRIEDA — Até que a gente não pode dizer que tenha sido acidente.

HUBERT — Já sei, você não quer falar nisso. Isso é doloroso para você. Desculpa, Frieda. Hoje eu cometo um erro atrás do outro.

FRIEDA — Talvez eu também tenha errado.

HUBERT — Não, não, você não. Sou eu quem precisa se censurar. Eu não devia ter vindo.

FRIEDA — Você realmente não poderia saber.

HUBERT — Mas sentir, você tem toda razão, eu devia ter sentido.

FRIEDA — Não Hubert, tão bem assim você não me conhece ainda. Você provavelmente nem me acha capaz disso.

HUBERT — Capaz de que?

FRIEDA — De eu ser a culpada.

HUBERT — Culpada de que?

FRIEDA — Da morte de Erich.

HUBERT — Frieda, pelo amor de Deus, você está imaginando coisas. Como é que você poderia ser culpada da sua morte?

FRIEDA — Claro, só indiretamente.

HUBERT — Nem indiretamente. Mas como, indiretamente?

FRIEDA — Pois é, porque fui eu quem pôs veneno na comida dêle.

HUBERT — Veneno?

FRIEDA — Cianureto na peperonada. Você conhece peperonada?

HUBERT — É um prato de arroz, iugoslavo. A minha mulher tem uma receita fantástica. Mas...

FRIEDA — Eu também. E o cianureto combina magnificamente. Com o sabor, você entende. O meu marido disse que nunca esteve tão gostoso.

HUBERT — A velha Frieda! Querendo me levar no bico. Mas isso não é brincadeira que se faça, sabe. Cianureto, diz ela, cianureto.

FRIEDA — Mas apenas êle acabou de dizer que nunca esteve tão gostoso, fica verde. Depois empalidece. E ainda começa a berrar. Herói é que êle não era, isso eu sabia. Mas berrar logo assim, como um louco. Isso eu não esperava dêle. Mas com os homens a gente sempre se engana. O jeito como êle me olhava, só porque entupi a boca aberta dêle com um pano molhado. Hubert, o jeito como êle me olhava! Como se êle não quisesse morrer de jeito nenhum. Realmente, se eu não o conhecesse assim a fundo, se eu não soubesse a fundo o canalha que êle é, acho que teria pensado que êle era um carneirinho, êsse era o olhar que êle tinha no fim. Eu te digo, se você quiser matar alguém, você precisa conhecê-lo bem a fundo, se não, você não consegue. Senão você ainda corre, bem perto do fim, você corre para a rua e chama um médico. Comigo acontece assim, pelo menos. É que eu sou mole demais.

HUBERT — (ri com maior veemência a cada frase. Quase até o fim, quando êle para) Frieda, você está exagerando.

FRIEDA — Foi Erich quem exagerou.

HUBERT — Você não o matou mesmo. Ele nem morreu. Ele tem serviço noturno no patio de manobras. Certo?

FRIEDA — Era isso que eu também me dizia nas primeiras noites. Ele volta, eu me dizia. Arrumava a cama dele. Comprava comida. Só porque não acreditei em mim. Mas ele não voltou. Cianureto, meu caro Hubert. Isso não deixa ninguém voltar tão facilmente.

HUBERT — Pelo amor de Deus, Frieda! Como é que você pôde fazer uma coisa dessas!

FRIEDA — Foi para o bem dêle, Hubert.

Só para o seu bem. E porque eu sou fraca. — Olha, aqui está êle. Uma foto do casamento. Era um dia bonito. Erich também não estava tão pálido como os noivos em geral. Também depois êle era muito alegre, durante um, dois anos, quase. Chegava em casa, beijinhos, afagava-me, vinha ao café, era muito atencioso. E, depois, de repente, nada. Então eu soube o que estava acontecendo. Mas a gente estava casada. Na igreja e no cartório. Diante de testemunhas. E depois ele quer se safar. Eu ficaria bem arranjada, de novo. E em casa todo o pessoal fazendo caçoadas. O ambiente hostil, Hubert, é isso que eu quero dizer, o ambiente hostil. Isso ele não pode fazer. E se ele fizer isso, então ele é um desertor. Afinal de contas não é brincadeira,



isso de juntar umas pessoas e fazer uma cara séria e tocar música e um padre resmungar algo e no cartório o homem olha solene para você, isso é como quando uma horda dessas no pátio de um quartel grita algo para uma bandeira dessas, isso é o que eu acho. E por isso é que ele foi um desertor, e não apenas uma vez! Oportunidade para melhorar bem que ele teria tido. Eu esperei, me humilhei, arranjei até um caso, mas ele nem era mais ciumento, aí então a coisa chegou para mim, aí eu o condenei. Ainda adiei a coisa uma vez, mas ele não queria, ele realmente me obrigou a acabar com a vida estragada que tinha. Aí então eu não pude mais resistir.

HUBERT — Eu admiro você, Frieda. A coerência. Isto é belo. Se realmente for verdade.

FRIEDA — Beba mais um gole.

HUBERT — Não obrigado, Frieda. É que, nestes últimos tempos não me faz bem beber muito.

FRIEDA — Aceite alguma coisa, vamos. Um sanduiche de presunto.

HUBERT — Não, realmente não. Fique sentada, Frieda, eu fumo um charuto, isso basta para mim.

FRIEDA — Coma um pouco de salada de frutas, isso refresca a boca.

HUBERT — Na verdade eu até que deveria me assustar com você. Mas quando eu olho para você, você é um mulherão mesmo. Mas onde é que o Erich tinha os olhos? Isso a gente tem que ver, o que a gente tem, com você. E o que você fez aí, demonstra como você é. Quando ouvi que você tinha casado, Frieda, eu fiquei magoado mesmo. Foi um golpe, sabe. Realmente, você pode acreditar no que digo.

FRIEDA — Mesmo antes do meu casamento você não vinha mais.

HUBERT — É que Ulm fica tão fora de mão, você sabe como é. A gente espera que o motorista pegue a curva, mas nada, ele vai em frente. E antes de você acordar do susto, você já está em Munique.

FRIEDA — Pare com isso. Eu não acredito em nada do que você está dizendo.

HUBERT — Isso me magoaria, Frieda. Muitas vezes estou sentado no escritório e cochilo, a minha secretária me acorda e eu percebo: outra vez você está pensando na Frieda. Em Ulm. No Danúbio.

FRIEDA — No formigueiro sobre o qual você me deitou.

HUBERT — Esses é que eram tempos. Esses é que eram tempos, ainda. Depois disso, depois não houve mais nada.

FRIEDA — Quantos filhos você tem agora?

HUBERT — Quatro.

FRIEDA — Naquele tempo você tinha um.

HUBERT — Ah. Não, não... não pode ser. O segundo já devia estar a caminho. A minha mulher faz questão de filhos. E os filhos se multiplicam.

FRIEDA — Pois é. E as filiais também.

HUBERT — De que adianta isso, Frieda? Você se mata e não sabe para que. O que é que eu tenho disso tudo? Há pouco, eu dei 50 marcos ao meu motorista, para passar uma noite agradável. Eu disse: "Divirta-se". Você não imagina como eu o invejo. E você, Frieda! Sim senhora, eu a invejo. Você se liberou, você arrebitou as correntes. Olha só para mim, o senhor Diretor, manda e desmanda em trinta e sete filiais e quatro filhos, e não pode nem piar sem que alguém se sinta incomodado.

FRIEDA — Porque que você não mata a sua mulher?

HUBERT — Mas é isso, Frieda. Eu não consigo.

FRIEDA — Você deixou-se amedrontar.

HUBERT — Infelizmente.

FRIEDA — Você se acostumou à sua miséria.

HUBERT — Miséria, eu não diria. Frieda, posso esticar as pernas um pouco? Estou viajando desde hoje cedo.

FRIEDA — Faz favor.

HUBERT — Se você não tiver a intenção de me estrangular, você pode sentar mais perto.

FRIEDA — Se você fosse meu marido, já teria dado cabo de você há muito tempo.

HUBERT — Eu seria fiel.

FRIEDA — Nisso até Erich mentia melhor.

HUBERT — Frieda, você não precisa me ofender. Eu apenas espero que você sinta que nós dois juntos poderíamos.

FRIEDA — O que?

HUBERT — Viver. Tudo.

FRIEDA — Tire os sapatos, se você deitar no sofá.

HUBERT — Desculpa. E eu nem trouxe nada para você.

FRIEDA — Isso eu percebi.

HUBERT — Desculpa.

FRIEDA — Não.

HUBERT — Frieda... me dá sua mão... o que é isto? Quem vem aí? Frieda! (entra Erich, tira o casaco, prepara-se algo para comer. É bem maior do que Hubert).

ERICH — Por favor, não se incomode, meu senhor. Fico satisfeito que Frieda tenha um namorado tão respeitável.

HUBERT — Frieda, você não poderia explicar... Trata-se apenas de uma visita, o senhor entende.

ERICH — Mas o senhor parece muito surpreso. Frieda, o que você fez com este amável senhor. Olha só. Está todo pálido de susto. Isso pode fazer-lhe mal. Verdade. Uma vez tivemos um cara, quando eu ainda trabalhava na linha, que se deitou com uma camponesa no mato, aí chegou o marido dela, e o pobre coitado teve um ataque de coração, do susto. É verdade que o homem tinha uma foice na mão, e estava lá de pé olhando os dois de cima para baixo, e eles estavam deitados, né? Isso é que era uma situação.

HUBERT — Frieda!

FRIEDA — (não responde).

ERICH — As vezes ela não quer, conheço isso. O senhor não se incomoda se eu comer alguma coisa.

HUBERT — Mas é claro, faz favor, senhor...

ERICH — Pode me chamar de Erich tranquilamente. Agora o senhor se assusta de novo desse jeito. Assim a coisa vai ficando incômoda para mim. Frieda, ó filha, o que você arranjou de nôvo? Ela contou alguma coisa para o senhor?

HUBERT — Contou.

ERICH — Não foi que ela me...?

HUBERT — Foi.

ERICH — E ela contou direitinho?

HUBERT — Bem direitinho.

ERICH — Dava para acreditar?

HUBERT — Perfeitamente.

ERICH — E agora o senhor está assustado, porque pensou que eu fosse o meu próprio fantasma?

HUBERT — Estou surpreso.

ERICH — Perfeitamente compreensível. Comigo aconteceu do mesmo jeito. E ela conta isso para todos. Os meus colegas sempre dizem: Pronto, ela vai contar a mesma história. Mas eles não conhecem a Frieda. A Frieda tem imaginação, é isso. E por isso ela gosta de contar o que não aconteceu. Eu também tenho imaginação, por isso entendo isso. O senhor também tem imaginação?

HUBERT — Acho que sim.

ERICH — Então o senhor também entende, né?

HUBERT — Naturalmente. Eu apenas fiquei surpreso. Um pouco. Eu preciso dizer agora que eu naturalmente não acreditei. Conheço Frieda de antes. Hubert Meckel, um seu criado. Tenho imenso prazer em conhecê-lo.

ERICH — O prazer é todo meu. (Erich come durante o diálogo seguinte).

HUBERT — (tira os sapatos) Frieda tem idéias assim, a gente já sabe. Eu quero que o senhor também entenda que eu não queria estragar-lhe a brincadeira. Ela pode confirmar que eu entrei no jogo logo no começo. Então é assim, né, você o matou, falei. Ah é, cianureto. Formidável, falei. Pois é, se ele era um canalha, com certeza não merecia nada melhor, o teu Erich. E eu me deito logo no sofá, para honrar melhor a sua morte. Espero que o senhor entenda que isso fazia parte do papel. Eu tinha certeza que o senhor apareceria logo. O senhor entende, eu só falo isto para que fique claro que não aconteceu nada demais. É claro que em nenhum instante eu pensei noutra coisa.

ERICH — No que foi que o senhor não pensou em nenhum instante?

HUBERT — Em... como é que posso explicar... eu não tinha segundas intenções como o senhor talvez poderia achar que eu tinha, quando entrou.

ERICH — Fale mais claro.

HUBERT — Mas o senhor entende. Eu não tinha intenção nenhuma. Meu Deus, isso está claro demais. Frieda é uma velha amiga minha. O senhor conhece o velho ditado grego do rio?

ERICH — Que rio?

HUBERT — Como se chama o rio, não sei. Também não tem importância.

ERICH — Você está entendendo, Frieda?

HUBERT — O fato é que não é possível tomar banho duas vezes no mesmo rio, a água é sempre outra, só o nome é o mesmo.

ERICH — E o nome o senhor não sabe.

HUBERT — O nome não tem importância. O que importa é o significado, entenda isso, por favor. Tomou banho uma vez e nunca mais.

ERICH — Como que nunca mais?

HUBERT — Isso, transferido para Frieda, para o seu casamento.

ERICH — Pera aí: o nome é o mesmo?

HUBERT — É.

ERICH — Então Frieda se chama Frieda ainda, mas não é mais Frieda. Então Frieda é uma outra agora, então tudo é novo de novo, então o que o senhor queria me dizer é que o senhor não estava mais querendo a sua velha amiga, mas esta nova Frieda, que o senhor encontrou aqui.

HUBERT — Agora o senhor confundiu tudo.. Vamos voltar ao começo.

ERICH — Não senhor. Vamos em frente.

HUBERT — Certo, vamos em frente. Mas sem o exemplo.



ERICH — Quer dizer que o senhor retira o exemplo?

HUBERT — É, eu retiro o exemplo.

ERICH — Certo. Então, o que é que o senhor queria dizer?

HUBERT — Frieda pode dizê-lo tão bem como eu.

ERICH — Seria melhor para o senhor que eu o ouvisse do senhor mesmo.

HUBERT — O que posso dizer é só que não houve nada e que também não havia a intenção de nada e que isso não é motivo para ficar zangado.

ERICH — Não é motivo para quem?

HUBERT — Para o senhor. Frieda não me interessa mais como mulher. Frieda, diga alguma coisa. O teu marido não está entendendo a situação.

ERICH — Frieda não lhe interessa mais. Frieda não é mais mulher para o senhor.

HUBERT — Até que enfim o senhor entende. Meu Deus, eu já estava ficando preocupado, porque o senhor estava fazendo uma cara como se tivesse acontecido sei lá o quê.

ERICH — A coisa está ruim. Muito ruim para o senhor, Frieda, ele te ofendeu. Ele praticamente te matou. Como mulher, você entende. Ele falou que você não existe mais. Isso é assassinio.

FRIEDA — Não é a primeira vez.

ERICH — Isso é uma desculpa?

FRIEDA — Para um homem é.

ERICH — Não Frieda. Nós vamos castigá-lo.

FRIEDA — (entusiasmada) Erich!

ERICH — Pois é, agora você está vendo o que é que eu valho.

FRIEDA — Ai, Erich! (beija-o).

ERICH — O senhor não se mova! Você viu, ele queria fugir. Aqui, faz favor, sente-se. Frieda, vai pegar a corda do varal.

FRIEDA — A nova.

ERICH — E traz uma toalha.

FRIEDA — Limpa?

ERICH — Se você achar.

FRIEDA — É melhor. Ele é muito limpo. Tem nôjo facilmente. Ele é um senhor, você me entende.

ERICH — Certo. Ele deve receber o seu castigo, mas não precisa sentir nôjo.

HUBERT — Meu senhor, o senhor está levando a coisa um pouco longe.

ERICH — Faz favor, se o senhor pudesse tirar os sapatos, de novo.

HUBERT — Eu faço, mas sob protesto.

ERICH — Protestar o senhor pode. Agora as meias, faz favor.

HUBERT — O que é que o senhor pretende?

ERICH — Frieda, a bacia, por favor.

FRIEDA — Já vai.

ERICH — Belas meias, são de nylon?

HUBERT — Mistura de nylon com lã. Pode ficar com elas, se quiser.

ERICH — Eu já estou com elas. Obrigado.

HUBERT — Tenho mais no carro.

ERICH — Obrigado, por enquanto chega. Certo, e agora a gente põe os pés bem bonitinhos na bacia. E Frieda traz água. Vamos, Frieda, corre, corre, senão o nosso hóspede vai se resfriar.

FRIEDA — Água quente?

ERICH — Morna. Queremos que seja o mais agradável possível.

HUBERT — (Erich o amarra com a corda na cadeira). O senhor quer me dizer agora o que pretende?

ERICH — Não precisa ficar tão curioso. Trata-se de uma surpresa.

HUBERT — Quero adverti-lo que o meu motorista está esperando lá embaixo.

ERICH — Não percebi nada.

HUBERT — Na travessa.

ERICH — Acho que deve estar acostumado.

HUBERT — Ele sabe que estou aqui.

ERICH — Duvido.

HUBERT — Ele vai subir. Seria desagradável para mim, se ele me encontrasse assim.

ERICH — Isso eu posso entender.

HUBERT — Seria desagradável também para o senhor. Ele é muito fiel. Ele poderia se tornar violento. É assim, éle. Antes, éle esteve na polícia. Eu o advirto, Erich, eu o advirto!

FRIEDA — (traz água) Nem uma palavra mais. Ele lhe deu 20 marcos e falou que se divertisse.

HUBERT — Cinquenta.

ERICH — Muito generoso.

HUBERT — Mas ele vai voltar.

ERICH — Um motorista com 50 marcos não volta tão cedo. Vou arregaçar um pouco suas calças. Seria pena desmanchar o vinco. Frieda, ele usa ceroulas. Em pleno verão.

HUBERT — Preciso tomar cuidado.

FRIEDA — Até que eu gosto de ceroulas.

HUBERT — Veja só.

ERICH — O senhor teria tido uma chance, percebe-se.

FRIEDA — Já chega?

ERICH — É, acho que chega. Agora você me traz ainda o fio do aquecedor e a extensão, que está na gaveta. E o senhor não comece a esperar.

HUBERT — Protesto.

ERICH — Se o senhor puder fazê-lo num volume razoável, tá certo. Só não fale alto de-

mais, não gosto disso. Sabe, quando a gente anda o dia inteiro na locomotiva de manobras, à noite a gente prefere o silêncio.

HUBERT — Se o senhor não me disser o que pretende, grito socorro.

ERICH — Isso eu acharia pouco gentil, principalmente partindo do senhor. Aqui todos trabalham muito. As pessoas precisam descansar um pouco. Então, se o senhor tiver um pingão de sentimento para com os trabalhadores, não vai acordá-los do seu sono. Obrigado, Frieda. Põe esta ponta da tomada Isso, assim deve chegar. Deixe os pezinhos bonitinhos na água.

HUBERT — Mas o senhor não vai pensar que eu vou me deixar matar em silêncio.

ERICH — Entre silenciar e gritar como um aloprado há toda uma série de gradações. Um volume razoável, com isso a gente concorda.

HUBERT — Eu vou gritar. Eu sei o que o senhor pretende. O senhor quer me eletrocutar.

ERICH — Adivinhou. Uma espécie de cadeira elétrica. Deve ser a maneira mais humana, senão os americanos não a usariam. Se os candidatos deles não soubessem que não dói, morreriam de medo antes.

HUBERT — E o senhor acha que eu entro nessa?

ERICH — Não! Entrar mesmo, o senhor não entra. Eu é que faço um pouco de cócegas no senhor com a tomada, o resto a corrente faz sozinha.

HUBERT — Erich, agora chega de brincadeira. O senhor já me deu um tremendo susto. Agora chega de verdade. Por favor, isso eu não merecia, Frieda! Frieda, o que você acha?

FRIEDA — Olha aí, você quer saber de uma coisa, para mim dá na mesma se qualquer um de vocês está sentado nessa cadeira.

ERICH — Para mim não dá na mesma. E você tem que concordar que desta vez é a vez dele. Foi ele que te expulsou do mundo. Foi ele que disse que você não existe mais.

HUBERT — Mas que mal-entendido!

ERICH — Foi isso que o senhor disse.

HUBERT — Como mulher, eu disse.

ERICH — Certo. Como mulher, ela não existe mais.

HUBERT — Mas como ser humano ela existe. Sua mulher é, agora e sempre, um ser humano, valioso, amável, um magnífico ser humano.

ERICH — Você está satisfeita com isso?

FRIEDA — Antes disso eu lhe tiraria a pele com o descascador de batatas.

ERICH — Tá vendo? Ela não quer ser um ser humano.

FRIEDA — Ai, Erich, hoje você está por aqui. Se você me der o fio agora, a gente casa esta noite ainda. Da outra vez não foi prá valer. Da outra vez havia uma bêsta quadrada entre nós dois, comprada por esse aí. Uma traidora, Erich. Dessa a gente se livrou. Você mesmo está vendo, foi ele próprio que disse: não me conhece mais. Ele tem ainda a analfabeta na cabeça. Com essa podia se fazer qualquer coisa. Allez-hopp, e ela pulava. O bichinho bôbo tanto chorou, tanto chorou, que se afogou no nobre líquido. É isso que o chateia. Ele diz allez-hopp, mas a mãozinha fica vazia. É por isso que ele quer me nomear ser humano assim depressa. Mas às minhas custas. Com que direito ele me nomeia ser humano? Pergunto eu? E por que? Só para que ele possa pedir sabe Deus o que da gente. Só porque lhe convem. E ele fica sendo bonitinho o mesmo porco de sempre, para quem tudo dá certo, de quem não se pode pedir nada, e eu que ande nas pontas dos pés e me esforce em ter uma aparência especialmente humana. Erich, se você vê o caso dêsse jeito, o caso é claro e você sabe o que deve fazer!

ERICH — O interrogatório ainda não acabou, Frieda. Ainda estamos no primeiro item da acusação. Mas eu tenho outro ainda.

FRIEDA — Erich, você é um tesouro, mas você tem algo de funcionário público, e isso é pena. Você não percebe que você tem a grande oportunidade de acabar com um monstro? Você tem a grande chance de livrar o mundo de um exemplar que não é perseguido por lei só porque existe demais. Todos conhecem esta espécie. Se a gente desse a estes criminosos o castigo que merecem, seria necessário matar direitinho a metade da humanidade. É diante disso que a lei capitula, Erich. Mas você não. Porque você se mata a si mesmo, se você puser o fio no traseiro dele. E assim você escapa. É uma purificação, Erich. Está claro para você? Você faz a mesma coisa do que nada ao matá-lo, e mesmo assim faz alguma coisa. Algo simbólico. Um bom exemplo. Você vai entrar nos livros didáticos por causa disso. E eu acredito de novo que você presta para alguma coisa. Talvez você deva matar um desses aí cada quatro semanas, então você ficaria limpo de novo, por um certo tempo.

ERICH — Frieda, mas isso vai aumentar o consumo de luz.

FRIEDA — Você não entendeu a idéia, isso acontece porque você é homem.

HUBERT — A água está esfriando, Erich. Vou ficar resfriado. (espirra)

ERICH — Jogue mais água quente, Frieda. Se não ele acorda a casa toda.

FRIEDA — (procura água, enquanto fala) Você é um homem, e você se aproveita do facto da justiça capitular diante de vocês, desertores. Eu também já pensei alguma vez que até que era bonitinho, do jeito que era. Mas depois eu percebi: como mulher, você paga o pato. É um sistema em que vocês levam vantagem. E basta!

HUBERT — Erich, ela se traiu! É só a gente deixar uma mulher falar tudo o que pensa, que ela se contradiz sozinha. O senhor deve ter percebido: ela não age mais a partir de uma base ética. Foi ela mesmo que confessou! É egoísmo puro o que há atrás disso. Vaidade ferida.

FRIEDA — (junta mais água).

HUBERT — Ai, ai! Erich, ela está me queimando. O senhor não pode permitir que ela se vingue de forma tão vil.

FRIEDA — Ele é muito mimado. Um cara assim nunca fica satisfeito.

ERICH — Deixe os pés dentro bonitinho. Isto aqui... não, não são nem 50 graus. O senhor deveria viajar uma vez na locomotiva, sentir o que é calor. Tenho certeza que um maquinista morre de frio no inferno.

FRIEDA — Erich, não fale do futuro. Você tem coragem ou não tem?

ERICH — O interrogatório, Frieda, nós não chegamos nem a fazer um interrogatório correto.

FRIEDA — O interrogatório é coisa combinada, Erich, e só serve para desculpar o criminoso. Nós não queremos repetir erros da justiça.

ERICH — Mas nós somos a justiça.

FRIEDA — Tá certo, então eu descrevo pela última vez o que você tem aí na sua frente. O acusado vai me apoiar. Eu digo: Hubert é um homem que tem um coração de ouro. É verdade?

HUBERT — É isso que me dizem sempre.

FRIEDA — E ele próprio acha isso também?

HUBERT — Todos têm suas fraquezas.

FRIEDA — Dá para perceber que é um ser de atraente humildade.

HUBERT — Não tanto assim.

FRIEDA — Qual é o uso que faz das suas fraquezas?

HUBERT — Eu as combato.

FRIEDA — Quer dizer que não está satisfeito consigo mesmo. Quer dizer que não é feliz.

HUBERT — Realmente, não o sou.

FRIEDA — Embora o seu café da manhã

não seja mau, ele não consegue saboreá-lo, porque ele se preocupa.

HUBERT — Todos precisamos nos preocupar por algo.

FRIEDA — Tudo isso o acusado exige de si mesmo e dos outros. Desde o café da manhã. E continua do mesmo jeito. Há mulheres, que sejam objeto das suas preocupações?

HUBERT — Naturalmente.

FRIEDA — Tá vendo, Erich, ele tem uma mulher, mas também pensa noutras. Isso é natural. Mas isso lhe estraga o café da manhã e o almoço. À noite ele se deixa levar pelas suas preocupações. Mas não é feliz. E por que não? Ele está com outras mulheres, e o que faz? Preocupa-se. Com o que? Com a sua própria mulher. Quer dizer que também o jantar não é um verdadeiro prazer. E por que?

HUBERT — Eu não sou um monstro.

FRIEDA — Certo. O acusado não é um monstro. Ele não deixa que as mulheres percebam que ele anda sempre preocupado. Isso é um peso que ele carrega sozinho. Isso multiplica a sua infelicidade. Há uma solução para isso? Hein?

HUBERT — A gente continua sofrendo.

FRIEDA — A gente não fica embotado e deixa as coisas como são.

HUBERT — Quem tem caráter não fica embotado.

FRIEDA — Quer dizer, quem tem caráter continua sofrendo.

HUBERT — Certo, é uma purificação. Paga-se por tudo.

FRIEDA — Você está vendo, Erich: ele tem bom coração, é humilde, atraente, as mulheres gostam dele, ele gosta delas, ele carrega isso sozinho, isso de que quando está com uma, se preocupa pela outra, isso de que o café não seja mais café quando quem o bebe tem caráter; e esse aí tem caráter, e por isso sofre, será infeliz e disseminará infelicidade e depois, como tem bom coração, será mais infeliz ainda, pois que quer pagar à força por tudo. E agora eu pergunto, nós podemos admitir uma coisa dessas? Ele paga e paga e a coisa fica cada vez pior! Você pode negar a um ser assim o golpe de misericórdia? Você pode ser tão duro assim?

ERICH — Não, realmente Frieda, a gente fica com dor no coração só de imaginar que ele precisa continuar vivendo.

HUBERT — Erich, isso é esperteza feminina. Frieda, eu admito, você é uma mulher, ainda! Mais do que nunca. Eu disse que o que eu mais gostaria seria viver com você.

ERICH — O senhor desmentiu isso antes. Disse que teria sido apenas brincadeira. Que

o senhor apenas teria entrado na brincadeira, o senhor falou.

HUBERT — Eu temia que você pudesse ficar terrivelmente ciumento. Você me olhava de um jeito. A situação toda, você entende.

ERICH — Ou o senhor está mentindo agora, ou...

HUBERT — Antes eu menti. Antes, naturalmente. De medo.

ERICH — Antes ninguém ameaçava o senhor. Agora a situação está se tornando perigosa. Qualquer juiz do mundo pensaria que é agora que o senhor mente.

FRIEDA — Não entendo os seus subterfúgios, Erich. Eu falo até o cansaço, comprovo tudo o que pode ser comprovado, e você tá feito um covarde com o fio e a lei na mão sem coragem para usá-los.

HUBERT — (bem alto) Frieda, e se eu disser que eu caso com você.

FRIEDA — Olha só isso, Erich, éle acha que a gente está lhe fazendo a corte. Isso acontece porque ele é presunçoso demais, mas também resulta do jeito mole de levar o julgamento. Se você lhe fizer cócegas agora, ele vai ter as idéias mais esquisitas.

HUBERT — Frieda!

ERICH — Senhor Diretor, eu sou um juiz imparcial, mas se o senhor chegar a perturbar novamente a paz noturna, não posso garantir nada! Os meus nervos não são os melhores. (grita a última frase para mostrar a Frieda que entendeu).

HUBERT — Eu não grito. Mas tire esse fio da mão, senão tenho um enfarte. A minha saúde não é muito boa, o senhor precisa saber. Eu sofro de esgotamento.

ERICH — Um enfarte, Frieda, que você acha? Seria uma solução condizente com a sua condição. Mas nem por isso vou deixar o fio. Porque agora é a minha vez. Com o item 2. O senhor estragou a minha vida. E como eu tenho apenas uma vida, fico magoado com o senhor por causa disso.

HUBERT — Desculpe, mas eu o vejo hoje pela primeira vez.

ERICH — Mas não a Frieda. Certo?

HUBERT — Isso é fato conhecido.

ERICH — Ela foi um caso seu.

HUBERT — Nós tivemos relações antes do seu casamento.

ERICH — O senhor não casou com ela.

HUBERT — Eu queria.

ERICH — Não o fez.

HUBERT — Não dava.

ERICH — Essa é a questão. Se o senhor tivesse casado com Frieda então, o que é que ela seria agora?

HUBERT — Agora ela seria minha mulher.

ERICH — E se ela fôsse sua mulher então, ela não seria... vamos... ela não seria...

HUBERT — A sua mulher.

ERICH — Mas ela é a minha mulher. E isso é culpa sua. O senhor é culpado disso. Bem entendido, diante de mim. Isso quero lhe explicar melhor, antes que me aproxime com a tomada. Quando herdei Frieda do senhor, ela já estava num estado daqueles. Eu pensei, vai ver que passa. Você ainda consegue que ela sare, pensei. Eu acredito em mim, o senhor entende. Eu tenho confiança em mim. Mas essa aí era uma coisa de desconfiada, não acreditava nem nas horas se fosse eu que dissesse. E veja que eu me esforcei. Porque ela até que vale a pena. Isso a gente sabe, nós dois. Mas ela me venceu, isso eu tenho que admitir. Durante dois anos eu falei até mais não poder. Friedazinha era surda. Não acreditava em nada de bom. Tudo queimado. Era como o senhor morder pedra. No fim, o senhor desiste. Eu, pelo menos. Eu desisti. Embora eu confie em minhas forças. Num caso desses eu digo: a seguinte, por favor. Porque não me sinto bem fazendo de padre ou de decorador de interiores. E é por isso que o senhor está sentado aí, esse é o item dois, se o senhor me entende direito. Porque os trocados necessários para um divórcio o senhor teria tido. Isso o senhor não vai discutir! E não me venha com uma dessas, de que isso não me interessa. Item um é o assassinato de Frieda, neste local, porque ela não quer ser um ser humano, mas apenas uma mulher. Item dois: nascimento dessa desconfiança em Frieda, que eu por minha parte não pude vencer e que teve más conseqüências. Bem, eu acho que o senhor pode concordar com isso.

FRIEDA — Vejam só estes oradores! Em vez de por fogo no monstro, ele ainda se tece rapidamente uma coroa de espinhos. Só porque é covarde demais.

ERICH — Você quer apressar demais as coisas, Frieda. No fim das contas nós somos amadores. Nós precisamos da confissão dele, senão a gente vai ter remorsos depois. E depois, esta é a minha primeira execução. Já tenho uma espécie de caimbras na mão, de tanto segurar o fio. Ou você quer fazer cócegas nêle? Faz favor.

HUBERT — Por favor, não. Não deixe isso por conta de uma mulher.

FRIEDA — Ele sabe por que!

HUBERT — É coisa de homens. Se tem que ser, não quero ser morto por uma mulher.

ERICH — Agora sou eu quem não entende.



FRIEDA — Está contando com a tua covardia.

ERICH — Eu não sou covarde, apenas imparcial.

HUBERT — É uma coisa que o honra como maquinista. E como ser humano.

ERICH — Obrigado, obrigado. Mas nada de adulações por parte do delinquente! Comigo não adianta suborno. Continua o processo; o senhor se reconhece culpado no sentido da acusação?

HUBERT — Não sei do que eu poderia ser acusado. Item um: Frieda é uma mulher, e que mulher! Item dois, eu teria casado com Frieda, se eu tivesse podido. Talvez tenha sido demasiado pouco conseqüente. Mas isso pode ser mudado ainda. Eu poderia me divorciar. O senhor poderia se divorciar. Eu casaria com Frieda.

ERICH — O que é que você acha disso, Frieda? Ele carregaria com a culpa. Pagaria uma espécie de indenização para mim. Uma espécie de renda.

FRIEDA — Olha, Erich, o melhor seria você se amarrar junto com êle na cadeira e vocês se darem a mãozinha, depois eu ponho fogo em vocês dois ao mesmo tempo.

ERICH — A gente precisa pensar em todas as possibilidades, Frieda.

FRIEDA — Você quase que me era simpático de novo, esta noite, Erich. E agora você quer me vender a um cara que me ama tão pouco quanto você.

HUBERT — Ela está enganada.

ERICH — Prove o contrário.

HUBERT — Desamarre-me.

ERICH — Essa não. Uma declaração de amor, isso o senhor precisa poder fazer também desse jeito.

HUBERT — Os braços, pelo menos.

ERICH — Frieda, você quer que ele fale com as mãos ou com o coração?

FRIEDA — No caso dele dá exatamente na mesma.

ERICH — Vamos então. Use o coração.

HUBERT — Assim, para obedecer uma ordem, não é fácil. Diante de testemunhas.

ERICH — Como! Se tem coisa, é porque tem coisa.

HUBERT — Frieda! Olhe para mim, pelo menos.

FRIEDA — Eu não olho para você.

HUBERT — Lembre-se de tudo o que eu já te disse.

FRIEDA — Não lembro nada.

HUBERT — Você sabe o que eu admirava tanto em você. (pausa) Frieda!

ERICH — Muito fraco até agora. Meu

Deus, Frieda, nisso eu sou um cara bem diferente.

FRIEDA — Isso não me comove.

ERICH — Uma frase dessas, Frieda, não, eu nunca lhe ofereci nada disso.

HUBERT — A situação é desfavorável.

ERICH — Certo, Frieda, isso a gente vai levar em consideração. Mas mesmo assim, senhor Diretor, foi um pouco pouco. O senhor não quer tentar mais uma vez? Eu ficaria contente se o senhor conseguisse convencê-la. Eu saberia qual a isca que ela morde.

FRIEDA — Não vale soprar.

ERICH — Certo. No fim das contas nós somos gentlemen. Então quer tentar de novo?

HUBERT — Primeiro ponha de lado o fio.

ERICH — Frieda, ele não gosta de ver o fio. Eu o seguro atrás de mim. Assim. Mas do que isso o senhor não pode pedir. Agora tudo depende do senhor. É o mais puro idílio. Até que ouço os rouxinóis. Então, como é?

HUBERT — Frieda! Frieda, eu a magoei. Eu tinha simplesmente medo. Também por tua causa. Eu fracassei. Mas se você lembrar, você há de convir que nós dois, você e eu, você não lembra mais? As formigas no Danúbio. Também era verão.

FRIEDA — Outono.

HUBERT — Não tem importância.

FRIEDA — Tem, porque você disse que voltaria no verão, e eu pensei que era muito tempo, maio, junho, julho. E depois você veio apenas em outubro.

HUBERT — Em setembro, Frieda.

FRIEDA — Trinta de setembro. Eu chamo isso de outubro.

HUBERT — Embora o 30 de setembro ainda pertença, sem dúvida, ao mês de setembro.

FRIEDA — Se alguém diz que chega em setembro, e chega no dia 30, então ele não veio em setembro. Erich, vai logo. Põe fogo nele, estou cheia.

ERICH — Você não quer ficar com ele.

FRIEDA — Daria na mesma que ficar com você. Acabe de uma vez com ele!

HUBERT — E como... teu amigo, Frieda, assim como antes...

ERICH — O que ele quer dizer é se você quer ser a amante dêle, Frieda. Bom, isso eu acho uma proposta razoável. Quero dizer, se ele propõe isso, é porque realmente deve gostar de você, Frieda.

FRIEDA — Dê um fim nele, senão eu mesma faço.

ERICH — Pena. Mas quando Frieda não quer uma coisa, não quer mesmo. Isso nós conhecemos, senhor Diretor.

HUBERT — Frieda! Você é inumana. Você não é humana. Você...

ERICH — Chega, chega, chega. Agora o senhor quer lhe negar até isso. O senhor é azarado mesmo. Não tem algo diferente no estoque, algo mais conciliador?

HUBERT — Se ela não fosse tão terrivelmente desconfiada. Você poderia demonstrar-lhe que estou falando sério.

ERICH — Ela não acredita em nenhuma palavra do que eu digo. É isso.

HUBERT — Nem a mim. Frieda, eu sei que você está fingindo agora. Erich e eu temos a melhor das intenções para com você. Você está amargurada. Mas injustamente. Uma série de malentendidos infelizes. Eu entendo que você não queria casar comigo. Eu também não quereria casar comigo.

ERICH — Isso não esteve mal, você tem que admitir. Agora só algo de mais positivo, senhor Diretor.

HUBERT — Eu estava muito atarefado, Frieda. Eu nem queria ter tantas filiais, mas quando você tem cinco, você tem que juntar mais dez, senão as cinco não rendem. Essa é a lei. E quando você tem dez, você precisa pôr no mundo mais vinte, e depressa, senão você vai à falência. A pressão da concorrência, Frieda, você não conhece isso. E assim pode acontecer que a gente passe ao longo de Ulm. Premido ao longo, eu deveria dizer. Mas isso já passou para mim. O mercado dá sinais de uma certa saturação. Há limites. Frieda, eu estarei freqüentemente aqui no Sul. Eu sei, o telegrama, foi isso que amargurou você. E depois o cheque. Mas olha, Frieda, o telegrama foi...

FRIEDA — Chega.

ERICH — Deixe-o agora, que ele está saindo um pouco da casca.

FRIEDA — Conheço a história.

HUBERT — Não, Frieda, você não a conhece.

ERICH — Você tá vendo? E nem eu. Como é que foi a história do telegrama?

FRIEDA — Não me interessa.

ERICH — O acusado tem direito a um discurso de encerramento destes. Frieda, você tem realmente pouco senso jurídico.

FRIEDA — Mas sei o que é justo.

ERICH — Então, como é essa história do telegrama e do cheque?

HUBERT — Frieda estava me esperando. Queríamos passar o ano novo juntos, o senhor entende. Estava tudo preparado. Com certeza Frieda acha que tudo é muito fácil. Deixar de passar o ano novo com a família, não sei se o senhor sabe o que isso significa. Mas

Frieda telefonou, um dia depois do natal. Eu entendi perfeitamente como ela se sentia. Passar o natal sozinha não é brincado. Então eu queria compensá-la. Eu sou sempre favorável às compensações. Mas não é fácil explicar para a família que a gente precisa passar o ano novo no Sul. E Frieda não tinha compreensão para esse tipo de dificuldades. Eu, por minha parte, eu entendo que ela não pudesse compreender, eu gosto de me pôr na situação dos outros. No trabalho isso ajuda muito. A gente quer agir direito com todos, entende, Erich.

ERICH — Eu entendo que o senhor quer agir direito com todos. É isso que o senhor quer dizer?

HUBERT — Você me entende. Um homem entende melhor uma coisa dessas. Nessas coisas as mulheres são egoístas. Mas é difícil agir direito com todos, isso você pode acreditar.

ERICH — Sobretudo no ano novo.

HUBERT — Estou vendo que você me entende. Só há um ano novo. E a gente precisa estar em Hamburgo e em Ulm no ano novo. O que é que você faria numa situação dessas?

ERICH — Aí o senhor está me perguntando demais.

HUBERT — Eu tinha organizado tudo. Eu sabia que Frieda precisava de mim. Ela estava em maus lençóis. Não quero entrar em detalhes agora. Frieda poderia levá-lo a mal. Mas eram circunstâncias especiais, que tornavam a minha presença necessária. Então a coisa estourou. Frieda não tinha confiança. Embora eu tivesse confirmado, o que é que ela faz? Me manda um telegrama à minha casa. E esse telegrama vai parar nas mãos erradas e com isso a minha excursão para o Sul estava liquidada. E não apenas isso. O ano novo que eu passei, bem, é melhor nem falar nisso.

ERICH — A sua mulher?

HUBERT — É isso.

ERICH — Ela não tinha a menor idéia?

HUBERT — Até o dia 28.

ERICH — Foi no dia 28 que chegou o telegrama?

HUBERT — Estávamos começando a sopa.

ERICH — Em pleno dia.

HUBERT — A neve brilhava diante das janelas. Um par de melros no sol. Aí chega o mensageiro. Minha mulher sai.

ERICH — Aí o senhor estava frito.

HUBERT — Liquidado. Fim. Aí não havia mais argumentos.

ERICH — E o senhor teve que ficar.

HUBERT — Que eu tenha conseguido chegar ao correio e mandar um telegrama para



Frieda, esse é um feito do qual me orgulho ainda.

ERICH — E o cheque?

HUBERT — Mandei mais tarde. Isso dependia de circunstâncias especiais. O cheque era apenas uma proposta. Pelo amor de Deus, se Frieda quisesse deixar-se ajudar, faz favor, era meu dever dar-lhe essa possibilidade. Mas ela interpretou isso de maneira totalmente errada. Compreende-se. Na sua situação. Mesmo mais tarde, eu nunca tentei me defender. Eu pensei, você tem que aceitar isso e carregar com isso. No fim das contas, você é homem.

ERICH — Meus respeitos, senhor Diretor! Realmente, isso me impressiona. Não se defender, aceitar, carregar a cruz, é exatamente assim que eu penso. Venha, senhor Diretor, o senhor deve estar precisando de um gole. (solta a corda) A história deve tê-lo atingindo fundo então, isso a gente percebe até agora. Frieda, veja só como nós fomos injustos com o senhor Diretor. Se você não tivesse mandado o telegrama, ele teria passado o ano novo com você, e tudo teria sido diferente. Ou você pretende dizer que é culpa dele que haja apenas um ano novo por ano? Não há justiça que possa considerá-lo culpado disso. E o cheque era apenas uma proposta. Você também poderia ter comprado um vestido com o dinheiro.

HUBERT — Ou um casaco de peles.

ERICH — Até isso. Ele não é avarento, isso ficou demonstrado. O melhor é a gente beber uma garrafa juntos. No fim das contas, a gente acaba de evitar um erro judiciário. Vem cá, Frieda, traga copos. Depois deste interrogatório fiquei com uma sede danada. Por favor senhor Diretor, sintá-se como se estivesse em sua casa. A gente vive aqui de um jeito um pouco simples. Mas isso tudo também não é novidade para o senhor. O principal, é que a gente se entende. Olhe aqui suas meias.

HUBERT — Eu realmente tenho muitas dessas.

ERICH — Não, não, a gente não está querendo lhe roubar nada.

HUBERT — Obrigado. Mas as teria cedido com prazer. (veste as meias e os sapatos).

ERICH — Muito amável da sua parte. Mas com as meias o senhor vai se sentir melhor logo logo.

HUBERT — Eu lhe agradeço.

ERICH — (modesto) Mas senhor Diretor...

HUBERT — Sim, Erich, eu preciso lhe agradecer. Você é um homem. Um verdadeiro ser humano. (Frieda levanta-se de repente).

FRIEDA — Até que enfim. Agora éle te promoveu a ser humano também. Boa noite.

HUBERT e ERICH — (fecham-lhe o caminho) Mas Frieda! Frieda, você não vai nos deixar agora. Vamos beber um copo juntos.

FRIEDA — Não tenho sede.

ERICH — (a Hubert, preocupado) Faz tempo que estou percebendo isso. Ela simplesmente não tem mais sede.

HUBERT — (com emoção) E antes sempre tinha uma sede tão magnífica.

FRIEDA — Talvez os senhores possam conversar sobre a minha sede sem a minha presença.

HUBERT — Mas não, Frieda, se você fôr embora agora então... (perde o fio, olha para Erich) não é Erich...

ERICH — Então vai nos faltar alguma coisa.

HUBERT — É isso, então vai nos faltar algo, simplesmente.

FRIEDA — Mas os senhores se entendem tão bem.

HUBERT — Concordo. Graças a Deus, a gente se entende. Mas você me conhece, Frieda, você sabe que eu me sentiria magoado se tivesse ficado a menor sombra de malentendido entre você e mim.

FRIEDA — Eu sei, sim, Hubert. Sei que você é um homem sensível. Se eu não disser agora com voz clara e firme que estou satisfeita, você vai partir e ficar sofrendo.

HUBERT — Eu não teria sossêgo.

FRIEDA — Você precisa simplesmente de uma consciência tranqüila, senão você não pode viver.

HUBERT — Você me conhece, Frieda, eu sou assim.

FRIEDA — E porque eu te conheço, não é possível qualquer malentendido, nem uma sombra de malentendido, tudo está claro como o dia.

ERICH — (está de pé junto à pasta de Hubert. A pasta está entre-aberta; éle já viu o que contem) Frieda, desculpa, mas antes de você continuar falando preciso perguntar ao senhor Diretor se éle tem algo a opôr a que eu acabe lhe roubando alguma coisa.

HUBERT — Mas Erich, faz favor, eu trouxe isso tudo para dar. Faz favor, sirva-se à vontade.

ERICH — (tira duas garrafas) Tá vendo, Frieda, isto aqui o senhor Diretor trouxe para a gente. Não vai dizer agora que a gente não sabe apreciar uma coisa dessas. Champanha rosado, senhor Diretor, do jeito que eu conheço a nossa Frieda, ela vai ser a primeira a cair embaixo da mesa esta noite. Certo, Frieda?



FRIEDA — Não tenho sede.

ERICH — Mas Frieda, agora você só está fingindo, de novo. Tou vendo nos teus olhos. Essas faiscas que estão saindo deles, é só sede, uma sede daquelas...

(Erich começou a abrir uma garrafa. Depois de tê-lo conseguido, enche um copo e o dá a Hubert. Põe um copo para si e procura dar um copo a Frieda. Mas Frieda começou a falar).

FRIEDA — Põe essa garrafa longe, bem longe. Eu começo a imaginar tudo que a gente poderia fazer com uma garrafa dessas. Vocês dois são uma companhia realmente excitante. E seria pena por vocês dois.

(Hubert está de pé, o copo à altura do peito, sorrindo cordialmente, disposto a fazer tchin-tchin a qualquer momento. Cada vez que Frieda o olha, aumenta o sorriso, faz um movimento com o copo, mas Frieda não se deixa vencer).

Sem você, Hubert, eu teria entrado no casamento como analfabeta, como uma bêsta quadrada, que acredita em beijinhos e em segurar a mãozinha; uma vaca, que acredita que o homem tem uma voz mais grossa, mas que quando ele diz *sim* quer dizer a mesma coisa que eu digo quando digo *sim*. E a você Erich, quanto não devo! Até a imagem de Hubert você consertou, hoje à noite. Foi culpa minha, agora eu sei. O telegrama, o cheque eram bondade pura. E o fato de que só haja um ano novo por ano é mais culpa minha do que do Hubert. Ele é um homem de palavra. E vai ver que você também é. Você tem que ser, já que você é igualzinho a ele. Dá na mesma eu chamar você ou ele de Hubert. Vocês dois se parecem como duas gotas d'água. Eu proponho que vocês dois comecem a se tratar de você, para mim é como se vocês nunca se tivessem tratado de o senhor.

HUBERT — Frieda, você sabe que nós faremos tudo, se com isso a gente puder causar-lhe prazer.

ERICH — Mas ela tem que beber junto, essa é a condição. (oferece-lhe novamente um copo) Tome Frieda. Um discurso desses dá sede, conheço isso. (Agora ela está de pé diante dele). Friedazinha! Então... (Oferece-lhe o copo com dois dedos e inclina-se como um homem fino. Nesse instante Frieda bate na sua mão, fazendo cair o copo. Não com demasiada força, antes, com resignação. Depois ela sai sem se voltar. Os homens olham atrás dela, imóveis pela surpresa, não conseguem fazer qualquer tentativa de detê-la).

ERICH — (dissimulando com dificuldade o seu embaraço) Ela realmente não sente mais sede. Antes, eu vou lhe dizer, eu que

posso aguentar uma boa dose, na locomotiva sabe, a gente chega em casa como queimado, mas a Frieda, quando começava a beber, ela não ficava me devendo nem um gole, assim é que ela era. Pois é, veja só para quem estou dizendo isso.

HUBERT — (por assim dizer inquieto e muito preocupado) Erich, eu realmente, é preciso dizer, estou estarecido. Não é mais a velha Frieda. Nunca, mas nunca a Frieda que eu conheço teria rejeitado um bom gole desse jeito.

ERICH — Para ser mais correto, arrancado da mão.

HUBERT — É, a gente pode falar assim.

ERICH — O senhor mesmo viu. Eu vou até ela, digo algo de agradável, faço uma reverência, e ela, o que é que ela faz..., senhor diretor, o senhor mesmo viu...

HUBERT — Joga o copo da sua mão no chão com um sóco, e vai embora.

ERICH — Prá cama. E ela que não pense que vou varrer os cacos. Ela que o faça sozinha, amanhã cedo. Tem que haver castigo, também.

HUBERT — Amanhã ela vai se arrepender. Do jeito que a conheço, Erich, amanhã ela vai sentir remorsos.

ERICH — Mas assim não pode continuar. Me bater na mão, fazer cair o copo. Ela não pode fazer uma coisa dessas.

HUBERT — Era nervosismo, Erich, puro nervosismo.

ERICH — Nervosa ela é, isso é verdade.

HUBERT — Tá vendo, e quem é nervoso perde a sede. Entende, os nervos ficam tensos, isso provoca caimbras e ataca a circulação, perde-se o apetite e acaba a sede. O que o senhor precisa fazer é consultar um médico.

ERICH — O senhor acha?

HUBERT — Tenho certeza. O senhor não pode perder mais tempo. Hoje há remédio para tudo, Erich.

ERICH — Eu lhe agradeço o conselho. Não vou mais perder tempo. (Ainda têm os copos nas mãos. Erich o percebe) É e nós... nós ainda bem que salvamos um pouco de sede, espero.

HUBERT — (cordialmente) Salvamos sim, meu caro Erich à sua saúde.

ERICH — A sua, senhor Diretor. (bebem).

HUBERT — E agora deixe prá lá isso de senhor Diretor. Não há mais Diretor, entendeu. Se não eu falo senhor maquinista para você. Meu nome é Hubert (fala baixo de repente) E sabe de uma coisa, Erich. Como Frieda está aí com o seu nervosismo acho que seria desconsideração nossa bebermos aqui. A



gente pode dar uma gargalhada, uma palavra leva a outra, e a coitada da Frieda se assusta. Vamos fazer uma coisa? Vamos com a nossa sede para a cidade. E você é meu convidado, combinado?

ERICH — Eu não digo que não.

HUBERT — Então vamos. Mas sem fazer barulho.

ERICH — Sem fazer barulho.

HUBERT — Com certeza ela está cochilando. (Ainda sussurram. Mexem-se com todo cuidado).

ERICH — Ou talvez já esteja dormindo. (Os dois de pé, olham ainda para a porta pela qual Frieda saiu).

HUBERT — A boa Frieda.

ERICH — Espero que tenha bons sonhos.

HUBERT — Que sonhe conosco.

ERICH — Deixe estar, eu carrego a pasta.

HUBERT — Obrigado, é muita amabilidade sua.

ERICH — Ora, Hubert. Faz favor, depois de você.

HUBERT — Mas faz favor.

ERICH — É a minha casa. Por favor.

HUBERT — Obrigado. (sai).

ERICH — Não há de que. (apaga a luz) Espere um pouco, já acendo a luz no corredor. (Fora):

HUBERT — Obrigado.

ERICH — Por favor.

HUBERT — Obrigado.

ERICH — Não há de que.

TERCEIRO QUADRO

(A mesma vista do prólogo, mas com outra iluminação. São quase sete da manhã. Erich seguido de Hubert entra em cena. A sua aparência revela de que maneira passaram a noite).

HUBERT — Não vá escapar agora, Erich. Você está fugindo de mim, Erich. Por favor, não fuja.

ERICH — É só você parar com isso das flores que eu paro.

HUBERT — Nós ainda vamos conversar sobre isso, pera aí.

ERICH — Quer dizer que você faz questão de me colocar a flor.

HUBERT — Só se você estiver de acordo.

ERICH — Jura.

HUBERT — Pelo nosso amor por Frieda, juro.

ERICH — Tá bom, eu espero. Vem cá.

HUBERT — Erich, seria ridículo brigar agora. Depois de uma noite dessas Erich.

ERICH — Eu não deixo que me coloquem flores.

HUBERT — Escuta, Erich, presta atenção, meu amigo, põe o teu braço aqui, tou com frio. Obrigado Erich. Agora eu me sinto protegido.

ERICH — Mas você deixa isso das flores. Senão eu dou o fora.

HUBERT — Agora, escuta aqui, Erich, a gente faz uma reunião, certo?

ERICH — Porque uma reunião agora?

HUBERT — Deixe que eu te diga uma coisa Erich. Eu tenho uma empresa. Quando surge algum problema, a gente convoca uma reunião.

ERICH — E depois?

HUBERT — Depois não há mais problema.

ERICH — Para onde ele foi?

HUBERT — Foi resolvido. Você entende isso?

ERICH — Ah, é isso que você quer dizer. Conosco é a mesma coisa. Nós também fazemos muitas vezes uma reunião.

HUBERT — É, mas vocês trabalham com prejuízo. As suas reuniões não prestam, Erich. Você conhece o déficit das estradas de ferro, Erich. Não quero ofender você, mas a verdade precisa ser dita. (Erich bebe da garrafa) Quando você beber, faça o favor de me oferecer também, se não eu não falo mais.

ERICH — Você tá falando o tempo todo.

HUBERT — E você se aproveita disso e bebe escondido. Eu já percebi isso, Erich.

ERICH — Pega aí, pode ficar com tudo, se você acha que eu não tenho direito a esse gole.

HUBERT — Não, eu desisto. Desisto por tua causa, Erich. Eu só queria que você me oferecesse um gole, entendeu? Eu teria gostado de seu gesto. Você não sentiu assim, paciência, eu não fico zangado, mas você tem que entender porque eu me recuso a aceitar esse gole.

ERICH — Como quiser. Não obrigo ninguém a beber. Eu por minha parte tô com sede.

HUBERT — Você tem sede porque é maquinista. Ai, Erich, você tem uma boa vida. Você viaja pela aí, o tempo todo, aumenta o déficit o quanto você quiser, porque você tem o monopólio, Erich, é sim, Erich, você é um monopolista. A gente estaria frito com um déficit desses. Por isso a gente se arreventa trabalhando. E prá quem? Pro consumidor.

Para vocês, Erich. Sou eu quem carrega o teu déficit, Erich. Eu me arrevento para que você possa viajar pela aí.

ERICH — Olha, isso eu não posso aceitar. Nós temos déficit só por causa de vocês. Se a gente apertar com as tarifas, o que acontece com vocês? Vocês se aborrecem. Por isso a gente fica quieto. Por isso é que cada um de nós carrega uma responsabilidade e ninguém paga por isso. Só no caso do cara que vigia as passagens de nível é que os leigos no assunto entendem o que está em jogo. Mas a coisa é assim para todos nós. Toda manobra tem que ser feita certinha. Os trens viajam sem parar.

HUBERT — Pela noite adentro.

ERICH — Ou sobre uma ponte.

HUBERT — E faz aquele barulhão.

ERICH — Pois é. E se o trem descarrilar? Você já pensou na nossa responsabilidade? Isso ninguém pode pagar, não. E a gente sabe disso. Por isso cumprimos o nosso dever assim mesmo. Porque se não, vocês não podem vender seus troços. Por isso uma coisa depende da outra. Do ponto de vista da economia política. Você entende isso?

HUBERT — Você quer dizer que eu dependo de você?

ERICH — É, por assim dizer.

HUBERT — Eu tenho três grandes caminhões.

ERICH — Mas se a gente subir os preços, os teus três caminhões não podem mais andar.

HUBERT — Isso é que eu quero ver!

ERICH — Porque vai ter tanto caminhão na estrada que o teu caminhão não vai poder mais andar. É por isso que a gente fica quieto. Até que o pessoal tenha construído bastante estrada de rodagem.

ERICH — Aí é que a gente pede pagamento justo.

HUBERT — E aí os teus fregueses vão preferir o caminhão.

ERICH — Mas aí vai ter rodovia bastante.

HUBERT — É, mas aí as suas reivindicações não têm mais força.

ERICH — Isso é verdade. Aí é que você tem razão.

HUBERT — Erich, vocês precisam aumentar os preços já. Pode acreditar em mim, a sua hora é essa.

ERICH — É você tem razão. Já. Não Hubert, não dá. Seria uma catástrofe. Pense nas estradas. Não Hubert, nós precisamos ficar quietos.

HUBERT — Até que seja tarde demais.

ERICH — Você não entende isso. As estradas de ferro, é o geral.

HUBERT — Eu só entendo que vocês tem déficit.

ERICH — Tá vendo só. Mais do que isso você não entende. Você não tem... relacionamento com os trens. Na Inglaterra é diferente, Hubert. Você sabe como é que se diz agulhas em inglês?

HUBERT — Prá falar a verdade, não sei.

ERICH — Tá vendo só. Tem tanta gente que não sabe isso. Há pouco, veio para cá uma delegação de Plymouth.

HUBERT — Ah, é, de Plymouth. Isso fica no Sul. Você não pronuncia direito. Plymouth, é assim que se diz. Você tá vendo a minha língua quando falo Plymouth?

ERICH — Tou.

HUBERT — Mas a tua a gente não vê. Quando você diz Plymouth e a gente não vê a tua língua, então já está errado. (Chega Berthold e fica esperando por perto).

ERICH — Você tá querendo me desviar do tema, porque você não sabe como se diz agulhas em inglês. Nem o intérprete sabia. Aí os ingleses se adiantaram, mostraram as agulhas e disseram: points. Porque é points que a gente diz, em inglês. E aí surgiu que há um modo de dizer, em inglês, quando alguém faz algo importante, que ele está switchando os points. (Movimento, como se estivesse girando um interruptor) Cê entende?

HUBERT — Isso é muito interessante.

ERICH — Você não entende, tô vendo. Agora eu dou o fora.

HUBERT — Não fica ainda, faz favor, Erich.

ERICH — Você nem entende que na Inglaterra a vida está relacionada com as estradas de ferro. Isso é que é povo. Cada um deles tem um seu relacionamento com os trens. É tudo diferente daqui. Você quer ser meu amigo e o que é que você faz: você me põe flores e fala mal das estradas de ferro. Não, Hubert, deixa prá lá. Eu já sei como é que são as coisas.

HUBERT — Erich, fica, por favor, fica. Isso do déficit falei sem pensar. E as flores, meu Deus, eu pensei que Frieda ficasse contente se você trouxesse flores prá ela.

ERICH — Então, por que você não fala logo, que são para Frieda? Então Hubert, eu fui injusto. Vem cá, me dá elas, depressa, o melhor é eu guardá-las no bolso. Vem cá, põe elas com cuidado no meu bolso, para que não lhes aconteça nada. Você tem razão. Ela vai gostar, e como! Ela sempre teve um fraco por flores.

HUBERT — Sobretudo por cravos.

ERICH — E isto aqui são cravos.

HUBERT — A sua flor predileta.



ERICH — Você pensou nisso!

HUBERT — Alguem tem que pensar, Erich.

ERICH — Isso eu não esqueço nunca, Hubert. E ainda mando lembranças suas, quando lhe der as flores.

HUBERT — Faz favor, não esquece disso.

ERICH — Você acha que eu a acordo logo, ou espero até ela acordar?

HUBERT — Deixa ela dormir sossegada.

ERICH — Você tem razão. Ela precisa de bastante sono, agora.

HUBERT — O sono de um ser humano é coisa sagrada.

ERICH — Ô Hubert, tem um cara aí que tá nos observando faz tempo.

HUBERT — Você não tá me ouvindo. Você não quer dizer diante de Frieda que as suas flores prediletas, eu...

ERICH — Hubert, esse cara tá querendo alguma coisa com a gente. Ei, o que o senhor fica espiando por aí? Faz favor de ir andando.

BERTHOLD — Eu só queria...

ERICH — Vá embora, já disse. E se não ouviu direito eu...

HUBERT — Pára, Erich, não lhe faça nada, é Berthold.

ERICH — Que Berthold?

HUBERT — Meu motorista. Bom dia. Berthold! Espere do outro lado, eu já estou acabando. (em voz mais baixa, para Erich) Então, Erich, tudo de bom para você. Me dá minhas coisas.

ERICH — Que coisas?

HUBERT — Minha pasta, meu casaco, meu guarda-chuva.

ERICH — Não estão comigo, Hubert.

HUBERT — Ah é? Tá bom, não importa. Então, tudo de bom prá você.

ERICH — Prá você também! E se você puder dar uma outra passada alguma vez, apareça lá em casa.

HUBERT — Apareço sim, Erich. Faz favor de dar um abraço na Frieda. Diz prá ela que a gente falou a noite toda nela, ela vai ficar contente.

ERICH — É, é uma boa idéia. Então, amigão, tudo de bom.

HUBERT — Tchau, Erich.

ERICH — Té logo, Hubert. (Hubert vai na direção de Berthold. Erich acena para ele e depois vai).

HUBERT — Bom sujeito, o motorista do meu amigo. Então, como foi a noite?

BERTHOLD — Dormi muito bem.

HUBERT — A noite toda?

BERTHOLD — Sim, senhor Diretor.

HUBERT — Sem que acontecesse nada?

BERTHOLD — Sim, senhor Diretor.

HUBERT — Mas isso nem você acredita, Berthold. Mas faz favor, como quiser. Você tem direito de me ocultar tudo.

BERTHOLD — Não tenho nada a ocultar.

HUBERT — Berthold, um homem que não tem nada a ocultar, isso não existe. O outro motorista foi tão amável de ir beber um copo ainda comigo. Mas agora ele também quer dormir uma horinha. E você seria capaz de estragar-lhe mesmo esta última hora. Isso não fala em favor do seu coleguismo, Berthold. Você dormiu a noite toda. Um homem que dormiu a noite toda, não tem mais sentimentos para o seu próximo. Se a gente não dormiu a noite inteira, ou não dormiu nada de nada, Berthold, aí é que a gente entende o seu próximo.

BERTHOLD — Já entendi, senhor Diretor.

HUBERT — Não, você não entendeu coisa alguma. Nunca vai entender. Nunca, entendido?

BERTHOLD — (cala).

HUBERT — Que que há de novo?

BERTHOLD — Nada, senhor Diretor.

HUBERT — Porque você não fala nada?

BERTHOLD — (cala).

HUBERT — Berthold, eu lhe peço por favor, não fique sempre calado. Se você acha que não está ganhando o bastante, então diga-o. Me enerva quando alguém fica sempre calado. Cem marcos a mais, cem marcos a menos não me importam, isso você sabe muito bem. Só que precisa abrir a boca, sobretudo tão cedo de manhã. Nisso, Berthold, eu sou sensível. No fim eu ainda acabo ficando bravo e então acabou mesmo. Então, Berthold, prometa-me que você não vai continuar sempre calado.

BERTHOLD — (cala).

HUBERT — De acordo?

BERTHOLD — Sim, senhor Diretor.

HUBERT — O que é que você está pensando agora?

BERTHOLD — Que já está mais do que na hora, se a gente quiser estar em Munique às nove.

HUBERT — Isso é comigo. Que mais está pensando?

BERTHOLD — Que... que...

HUBERT — O que? Vamos, fale! Com toda franqueza, Berthold! O que é que está pensando? De homem para homem, Berthold.

BERTHOLD — Que... eu...

HUBERT — Berthold! Tenha confiança. Não vai lhe acontecer nada. Seja lá o que for. Eu prefiro que você fale na cara. Então Berthold, fala!

BERTHOLD — Eu penso... que eu não

sei o que pensar quando o senhor me pergunta sempre no que é que eu penso.

HUBERT — Essa foi a minha última tentativa, Berthold. Como quiser. Eu lhe digo o que penso sobre você. Eu lhe digo que não estou satisfeito com você, porque no que respeito à franqueza, você está longe de ser perfeito. Pena, Berthold, pena. Mais de um motorista estaria feliz de ter um patrão para quem pudesse dizer tudo na cara. Mas, faz favor, como você quiser.

BERTHOLD — Senhor Diretor!

HUBERT — Vamos.

BERTHOLD — Ainda não, senhor Diretor. O senhor tem razão, é bobagem minha. O senhor percebeu logo. Mas eu teria acabado por falar. Com certeza, senhor Diretor. Eu pensei, eu espero até estarmos na auto-estrada.

HUBERT — Até que enfim você toma juízo. No último minuto, Berthold! Então, diga-me a sua opinião. Isso me interessa de verdade, Berthold.

BERTHOLD — Pois é, logo depois que o senhor saiu...

HUBERT — Você ficou espiando para ver aonde eu ia. Podia imaginar.

BERTHOLD — Não, senhor Diretor, isso não. Foi uma senhora.

HUBERT — Que senhora?

BERTHOLD — Eu não a conhecia.

HUBERT — E o que é que ela tem a ver comigo?

BERTHOLD — Ela tinha um problema. Pneu estourado. Estava toda desesperada. Ai então eu ajudei.

HUBERT — E depois?

BERTHOLD — Ela me deu vinte marcos.

HUBERT — E depois?

BERTHOLD — Procurei um quarto.

HUBERT — E a mulher?

BERTHOLD — Isso não sei.

HUBERT — Mas o que é que você queria me dizer com isso?

BERTHOLD — O que eu tinha ocultado do senhor, senhor Diretor.

HUBERT — Ai, Berthold.

BERTHOLD — Senhor Diretor?

HUBERT — Não é nada fácil com você.

BERTHOLD — Eu sei, senhor Diretor. Mas já estou percebendo como é que o senhor quer que seja. O senhor quer uma personalidade. E uma personalidade tem que sair de si. Senão o senhor nem percebe que tem uma personalidade pela frente.

HUBERT — Muito bonito, como você falou, Berthold. Muito bonito. E até que está certo.

BERTHOLD — Eu fiquei refletindo isso esta noite. Agora eu vou sair de dentro de

mim, senhor Diretor! Eu vou confessar tudo pro senhor. Primeiro, que não fui imediatamente para o quarto e segundo, que eu não me despi logo para me deitar.

HUBERT — Isso me alegra, Berthold. Vamos indo. (Hubert vai. Berthold segue. Rodeiam a vista. O ritmo aumenta com o malestar e a ira do Diretor. Berthold quer fazer repetidamente com que o Diretor se detenha).

BERTHOLD — Também preciso admitir que não fiquei na cama.

HUBERT — (para de repente tem mais interesse) Você voltou a sair do quarto?

BERTHOLD — Não, isso não. O senhor entende, senhor Diretor, toda noite eu deito e então eu sinto logo nos pés: o cobertor é curto demais.

HUBERT — (zangado, continua a andar) O que você faz no seu quarto é coisa sua. Você tem direito a ter uma vida privada.

BERTHOLD — Mas se eu sair de dentro de mim para ser uma personalidade, preciso admitir que eu me levantei ainda para pôr as meias.

HUBERT — Isso é a sua vida privada, Berthold.

BERTHOLD — Concordo. Mas é que a gente não dorme de meias, senhor Diretor.

HUBERT — Eu não posso impedi-lo. Eu me nego a me imiscuir na sua vida privada.

BERTHOLD — Mas o que é que eu vou fazer, se nos hotéis os cobertores são curtos demais?

HUBERT — Você está me cansando, Berthold.

BERTHOLD — Mas, senhor Diretor, agora estou saindo realmente de dentro de mim.

HUBERT — São sete e meia, Berthold!

BERTHOLD — Eu apenas pergunto se o senhor aprova que eu tenha voltado a pôr as meias! Se o senhor pode aprovar uma coisa dessas! Eu quero ser uma personalidade, senhor Diretor, por isso não tenho pelos na língua e pergunto ao senhor, como personalidade, se o senhor também se sente assim inseguro quando vê que os seus pés aparecem nus por fora do cobertor?

HUBERT — São sete e meia passadas e estamos trabalhando! Entendido!

BERTHOLD — Eu não acho que possa ser uma personalidade se eu ocultar do senhor que eu tenho medo quando os meus pés nus saem por fora do cobertor. Tenho medo que alguém possa mexer em mim. Talvez até me fazer cócegas. Imagine só! Não há nenhum outro ponto em que a gente seja tão sensível como na planta dos pés.

HUBERT — Eu vou indo.

BERTHOLD — Eu já venho. Só preciso

confessar-lhe que hoje a noite eu jurei nunca mais tirar as meias num quarto estranho.

HUBERT — Mais uma palavra sobre os seus pés nús e você está despedido.

BERTHOLD — Isso eu temia. Eu devo entender então, que o senhor pode tirar as meias em qualquer quarto que seja, sem se preocupar.

HUBERT — Está despedido, Berthold. E é já.

BERTHOLD — Certo, senhor Diretor.

HUBERT — A não ser que você me prometa solenemente, solenemente! Berthold, que você nunca mais se mete nos meus assuntos.

BERTHOLD — Eu só procuro sair de dentro de mim.

HUBERT — E me puxa a mim para dentro de si! O que lhe interessa, se eu tiro ou deixo de tirar as minhas meias?

BERTHOLD — Nada.

HUBERT — Você não vai voltar a falar em meias nem em pés nús?

BERTHOLD — Nunca mais, senhor Diretor.

HUBERT (mais suave) Então está certo. Assim a gente talvez ainda encontre uma base, Berthold. Por que é que você acha que os homens usam sapatos? De couro resistente e silenciosos, enquanto em todo o resto do corpo usa tecidos suaves, que falam, delatam, contam tudo? Mas os sapatos que usa, são de couro.

Por que é que ele faz isso, Berthold ?

BERTHOLD — Para que os...

HUBERT — Não use a palavra, Berthold. Você prometeu.

BERTHOLD — Mas os sapatos a gente calça nos...

HUBERT — Berthold!

BERTHOLD — Sim, senhor Diretor.

HUBERT — O homem usa sapatos de couro para ocultar os seus tocos mal armados, com as suas cinco extremidades. Porque o homem, Berthold, tem pudor.

(Berthold cala).

E se você não puder deixar de pensar nos seus ridículos tocos de cinco pontas, então pense neles à vontade, mas não me deixe perceber nada disso. Oculte-o. Faça uma cara como se pensasse em Santa Cecília, ou em nuvens, em cirrocumulos. Um homem só é uma personalidade quando não berra a torto e direito tudo o que pensa. Estamos nos entendendo, Berthold? (Berthold cala). O que é que você está matutando aí de novo? (Estão parados).

BERTHOLD — Penso em Santa Cecília, senhor Diretor. (Hubert volta-se violentamente para longe de Berthold).

HUBERT — (indignado, torturado) Berthold! (Vai embora depressa).

BERTHOLD — (suave) E em nuvens, cirrocumulos. (Segue-o lentamente).



Esta peça só poderá ser representada, no todo ou em parte, seja por que processo fôr, mediante autorização expressa da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS.